

Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. Carlos de Azevedo — Redacção: Largo Dr. Oliveira Salazar, 21 — Leiria. Administração: Santuário da Fátima Cova da Iria. Composto e impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 48 — Lisboa N.



A PEREGRINAÇÃO DE Agosto, 13

A peregrinação de 13 de Agosto ao Santuário de Nossa Senhora da Fátima é especialmente destinada à diocese de Leiria, em memória e desagravo do violento sequestro dos três videntes, em igual dia e mês de 1917. Constitui todos os

anos uma impressionante manifestação de Fé e nela tomaram parte, desta vez, mais de 50 mil pessoas. Durante todo o dia 12 foram chegando numerosos grupos de peregrinos. As 20 horas, os diocesanos de Leiria, concentrados junto

do grande pórtico, fizeram a entrada solene no Santuário, indo à frente o Senhor Bispo e os Revs. Cônegos do Cabido da Sé Catedral. Seguiam imediatamente as peregrinações de cada uma das 56 freguesias da Diocese, com os respectivos Párocos e bandeiras da A. C. e de outras associações religiosas.

Na escadaria em frente da igreja o Senhor D. José Alves Correia da Silva recebeu a saudação dos peregrinos.

Como de costume, às 22 horas, organizou-se a procissão das velas, um pouco prejudicada pelo vento, mas ainda assim vistosa e com movimento. A reza do terço e os cânticos a Nossa Senhora enchiam o espaço e ecoavam pela serra.

A meia noite expôs-se o Santíssimo e começou a adoração nacional, que durou até às 2 horas da madrugada. Prêgou o Rev. P.º Frei Diogo Crespo, Assistente Nacional da J. C. Das 2 às 3 houve adoração pela Arquiconfraria do Imaculado Coração de Maria, dirigida pelo Rev. P.º Feliciano Cabral. Das 3 às 6 fizeram horas de adoração os peregrinos das freguesias de Valado dos Frades, Arneiros, Ferreira do Zêzere, Rio de Moinhos, Candal e Minde.

As 6 horas, dada a bênção com o Santíssimo principiou a Missa da comunhão geral, tendo-se abeirado da Sagrada Mesa umas 13 mil pessoas.

O altar para a exposição do Santíssimo e para as Missas da co-

munhão geral e dos doentes está agora sob um formoso baldaquino, diante da porta principal da igreja, e protegido da chuva e do vento.

As 10 horas, realizou-se o Dia Diocesano do Catecismo, uma espécie de certame catequístico em que entram os meninos e meninas de quaisquer freguesias da Diocese, já aprovados anteriormente nos Dias Vicariais. No fim, o Senhor Bispo de Leiria proferiu uma alocução, em que salientou a importância do catecismo na vida moderna.

As 11 horas e meia, depois de rezado o terço em coro, organizou-se a procissão com a imagem de Nossa Senhora para o altar ao

(Continua na 4.ª página)

Acção Católica EM FÁTIMA

Horas fecundas, horas luminosas de paz foram as que viveram as Religiosas dos Colégios portugueses, durante o seu curso em Fátima.

Estudaram, confraternizaram e rezaram — tudo, afinal, oração, porque tudo fizeram com Deus e para Deus.

Poucos auditórios terão sido alguma vez tão atentos e correctos, durante as lições que se fizeram. E nas discussões, práticas e serenas, não é possível conseguir-se maior elevação nem mais fervoroso respeito. Sabiam o que queriam as Religiosas, e as suas observações não nasciam do amor próprio ferido ou do desejo de brilhar, mas tão somente da vontade sincera de esclarecer e de resolver os problemas. Com tais discípulas é fácil manter ordem exemplar e ser mestre.

Que, afinal, todos foram mestres, pois todos aprenderam na lição da experiência que ilumina, da reflexão que analisa e aprofunda, do exemplo que comove.

E nenhum espectáculo mais edificante do que o de muitíssimas dezenas de Religiosas, de doze Institutos, unidas sinceramente num «só coração e numa só alma».

Na atmosfera calma e sobrenatural de Fátima, com o espírito inundado de fé e de caridade, a grande família, ordinariamente dispersa por terras e por casas diferentes, confraternizou intimamente, sob os olhos misericordiosos da Senhora.

Nem podia deixar de ser assim, pois todas possuem a clara compreensão dos seus deveres, e o mesmo forte amor de Deus e da Igreja. Todas servem generosamente a mesma Causa, e a esse serviço corajosamente sacrificam a sua vida inteira.

Os que, longe de Cristo, entusiasticamente entoam loas à solidariedade humana — que tantas vezes desmentem com os factos — deviam assistir a essa impressionante manifestação de solidariedade em Cristo, provada eloquentemente pela acção.

Havia comoção intensa na voz da Religiosa estrangeira, que fez este comentário: Espectáculo como este, nunca se viu em parte alguma.

Sob certos aspectos, teve feição de Retiro o Curso das Religiosas. Meditação e Missa em comum, em comum refeições, terço e bênção.

Que cena inolvidável a da Hora Santa e da procissão do Santíssimo Sacramento! Diante da Sagrada Eucaristia fervorosamente se rezou, e comovidamente se chorou. E quando, da majestosa igreja, quase concluída, se conduziu o Santíssimo à capela do Hospital, a procissão das Religiosas, mal alumadas pela luz trémula das velas que seguravam em suas mãos piedosas, lembrava um cortejo de almas a entoarem os louvores do Cordeiro.

De Lisboa, para encerrar o Curso, foi a Fátima, em tarde tórrida de Agosto, o Senhor Cardeal Patriarca.

As palavras do Augusto Purpurado foram remate formoso e profundo da feliz iniciativa: elogio caloroso da Acção Católica, apologia eloquente da vida religiosa.

Estava radiante S. Ex.ª Rev.ª o Senhor Bispo de Leiria, que assistiu ao encerramento.

E, decerto, também a Senhora, jubilosamente se associou aos aleluias triunfais dessa tarde memorável.

† MANUEL, Bispo de Helenópolis



O Santo Padre falando pelo rádio aos peregrinos da Fátima, no dia da Coroação de Nossa Senhora.

O depoimento de um médico

No dia 13 de Maio de 1946, no Posto de Socorros do Santuário da Fátima, compareceu pelas 10 horas, Maria José da Silva, solteira, de 21 anos de idade, de Carrazedes, freguesia da Igreja Nova, concelho de Tomar, filha de João da Silva e de Laurinda de Jesus da Silva, para ser pensada. Coube-me prestar-lhe estes socorros.

História progressa

A 22 de Abril de 1942, foi operada de apendicite no Hos-

pital de S. José em Lisboa. Satu curada ao fim de oito dias, mas 10 dias depois a cicatriz supurava. Como não curasse, baixou um ano depois ao Hospital de Tomar, esteve ainda nos Hospitais de Coimbra e Lisboa sem obter cura completa. De regresso a sua casa, foi tratada pelos clínicos, drs. Brites Moita, da Lameira e dr. Fagulha, de Palalvo, que me confirmaram a existência de uma supuração muito fétida e abundante com 3 fistulas na parede abdominal.

Estado actual

O penso apresenta grande quantidade de puz fétido que ultrapassou para a roupa.

Interrogando-a, há quantos dias não fizera tratamento, respondeu-me que o fizera na véspera, o dr. Fagulha, o que este clínico me confirmou. A ferida tem a extensão do ponto de Mac-Burney ao umbigo, com largura ao centro de uns 3 centímetros e com 3 fistulas de uns 7 centímetros cada. Lavel com

(Continua na 2.ª página)

PALAVRAS DE UM MÉDICO

(3.ª série)
XXI

Expansão da Fátima

Durante a primeira grande guerra, desenrolaram-se na Fátima sucessos prodigiosos, que deram origem a vasta literatura, nacional e estrangeira.

Ao princípio, tratava-se de cenas de intenso misticismo, localizadas em certa região quase deserta dessa luminosa Província da Estremadura, onde a gloriosa história de Portugal da primeira e da segunda dinastia está documentada para sempre nos monumentos da Batalha, Alcobaca, Tomar, Nazaré... A esses poemas de pedra, junta-se, no actual século, o Santuário da Fátima. Centro de piedosas manifestações à inclita padroeira do Reino de Portugal e seus domínios, em breve se tornou Fátima um instrumento da mais alevantada missão de Portugal — dilatar a Fé e o Império.

É forçoso notar que a um estrangeiro se deve a ideia de aproveitar em sentido tão português o venerando Santuário — o ilustre sacerdote italiano Rev. De Marchi, que decidiu lançar a ideia da fundação, na Cova da Iria, de um Seminário de Missões Ultramarinas.

Para a grandiosa fundação, a Padre De Marchi colaborou enriquecendo a bibliografia da Fátima com as belas edições do «Seminário das Missões de Nossa Senhora da Fátima — Cova da Iria».

Entre elas, citarei o formosíssimo

mo volume intitulado «Era uma Senhora mais brilhante que o sol...», ainda há pouco editado e creio que já quase esgotado pela segunda vez.

Faz grande impressão a leitura desse livro, mesmo aos que já conhecem a vasta literatura acerca da Fátima. Faz grande impressão, porque não é nada vulgar o estilo do autor. Apesar de estrangeiro, o P.º De Marchi conhece muito bem a língua portuguesa e tem uma extraordinária cultura: é um verdadeiro psicólogo quando escreve a maneira de ser da gente com quem convive; é um consumado etnógrafo quando fala dos costumes dos serenos da Fátima; com que admirável finura ele trata do clero demasiadamente prudente do tempo das Aparições, das brutas autoridades da república, dos carbonários selvagens de Santarém!

O P.º De Marchi está prestando grandes serviços a Portugal. Compara-o a um seu contemporâneo ilustre do começo do Século XVIII: o médico Bernardo Santucci, que foi contratado pelo Rei D. João V para vir ensinar Anatomia em Lisboa e que escreveu o primeiro compêndio publicado em Portugal sobre tal ciência, elaborando uma nomenclatura que ainda hoje usamos.

Estrangeiros destes honram a nossa terra e a terra de onde provêm.

J. A. Pires de Lima

Quantos carros estiveram na Fátima em Maio?

O número de veículos que estacionaram na Cova da Iria, na noite de 12 para 13 de Maio p.º, segundo os dados fornecidos pela Direcção Geral dos Serviços de Viação, foram os seguintes:

Autos pesados de passageiros	898
Idem de carga	139
Autos ligeiros de passageiros	9.185
Carroças	2.170
Total	12.392

Deve, porém notar-se que estes números se referem aos veículos estacionados na manhã do dia 13. Se lhes juntarmos os carros em continuo movimento nos dias 12 e 13, veremos os totais notavelmente aumentados, porquanto só no posto da Polícia de Viação e Trânsito do Reguengo do Fetal se registaram as cifras que seguem:

Camionetas de passageiros	687
Idem de carga	87
Automóveis ligeiros	6.334
Motocicletas	208
Bicicletas	5.211

E pela estrada do lado de Villa Nova de Ourém o movimento foi muito maior, pois por ela transitou a maioria dos veículos vindos do Norte. O que nos permite duplicar bem a vontade e talvez triplicar os números registados no posto do Reguengo do Fetal. Teríamos então, nesta última hipótese, os seguintes totais:

Camionetas de passageiros	2.061
Idem de carga	261
Automóveis ligeiros	19.002
Motocicletas	624
Bicicletas	15.633

E já não falamos das carroças de tração animal, por a maior parte delas virem de estradas e caminhos transversais, alheias por contagem dos postos da Polícia.

MÃE!

Para muitos peregrinos da terra a palavra mãe já não é uma realidade, é apenas um eco saudoso que faz vibrar dolorosamente as fibras mais íntimas e mais delicadas do seu ser.

Envolvem-lhes o coração os crepes sombrios da orfandade.

No seu peito sentem o peso infinito da terra que caiu duramente sobre os restos queridos daquelas que os geraram para a vida.

Mãe! Os nossos lábios recusam-se a perder este jeito suave de pronunciar o nome mais lindo, o nome mais querido da nossa vida.

Os nossos corações sempre crianças, seja qual for o número de anos vividos, não perdem o jeito de se embalarem na ternura das nossas mães. Por isso se sentem inconformistas perante a realidade inexorável da morte...

Ah! a dor cruciante e indefinível ao ver fechados para sempre os olhos que tantas lágrimas choraram sobre as nossas dores ou sobre os nossos desvaios, que nos olharam com tanto carinho e orgulho nas horas felizes da nossa vida; ao ver imobilizados os braços carinhosos e incansáveis que tantas vezes nos suportaram e acalentaram na nossa infância; ao ver inertes as mãos que sobre a nossa fronte fizeram descer as bênçãos do Senhor; ao sentir para sempre parado aquele coração que tanto pulsou de amor por nós!

Mas o Senhor compreensivo e sensível à nossa dor de filhos, quis deixar-nos um poderoso lenitivo à nossa saudade, um

amparo forte à nossa orfandade: — no alto do Calvário deixou-nos... Sua própria Mãe!

Desde então não há verdadeiramente orfãos na terra porque Maria Santíssima é nossa Mãe.

Mãe de Jesus, Mãe nossa, voltam-se para Vós os nossos olhos, turvados de pranto, os nossos corações alanceados pela maior dor, e junto de Vós encontramos consolação e paz porque de novo e com verdade podemos confiadamente pronunciar o doce nome de Mãe!

Mãezinha, todos nós, peregrinos da terra, somos vossos filhos, mas aqueles de nós que perdemos para sempre neste mundo a maior afeição da nossa vida, somo-lo duplamente.

Olhai pois para nós com dobrado carinho e compaixão. Lançai sobre o luto da nossa orfandade o manto misericordioso do Vosso amor. Recebei-nos no Vosso regaço maternal e embalai-nos nos Vossos braços abertos a todas as angústias e sofrimentos.

Mãe de Jesus, Mãe nossa, nós temos confiança em Vós. Convosco queremos dizer o fiat alegre e generoso a tudo o que o Senhor nos pedir, seja embora todo o sangue do nosso coração. No heroísmo com que suportastes ou antes aceitastes a morte de Jesus, aprenderemos também a aceitar todas as dores que vierem ao nosso encontro no caminho doloroso da vida para um dia convosco, no Céu entoarmos as infindáveis aleluias da eterna bemaventurança.

UMA SERVITA

O depoimento de um médico

(Continuação da 1.ª pag.)

água exigénada, coloquei um penso esterilizado. No braço esquerdo apresentava na parte externa e superior uma ferida supurada com grande abundância de tecidos de neo-formação que curetei, tendo pensado com água exigénada para deter a hemorragia. Esta ferida resultou da infecção de uma injeção.

Fui chamado por uma servita, uma hora depois a ir vê-la numa enfermaria, por se sentir mal. O pulso estava normal. Depois da Bênção dos Doentes foi levada novamente ao Posto de Socorros onde verifiquei que o penso da parede abdominal apresentava uma massa consistente e esbranquiçada de 2 centímetros de comprimento, sem puz e a ferida no mesmo estado como a deixara 5 horas antes, bem assim a ferida do braço.

Apresentou-se no dia 16 de Maio no Hospital da Misericórdia de Torres Novas, onde a observei, tendo verificado a ausência completa de puz, ou de serosidade própria dos tecidos. As feridas e as fistulas em via de boa e rápida cicatrização.

No dia 21, observei-a no meu consultório e o penso que lhe fizera no Hospital estava limpo e a ferida reduzidíssima.

No dia 27 as feridas do braço e da parede abdominal estavam curadas.

Discussão

O desaparecimento rápido desta supuração extraordinariamente abundante e fétida após 4 anos com curativos diários e sob tratamentos os mais variados em clínicas hospitalares assinala a cura instantânea da infecção que não pode ser explicada clinicamente por meios naturais.

Augusto de Azevedo Mendes
Director Clínico do Hospital de Torres Novas



SALDOS

que todos aproveitam!!!

TECIDOS BARATÍSSIMOS

SALDOS DE MEIAS E PEUGAS!

Lindos tecidos populares	5870
Tecidos estampados tabela	10820
Tecidos laváveis c/ seda	21850
Cretones ramagens p.º robes	13800
Lindas sedas estampadas	19880
Lindas sedas de riscas	37850
Sedas double-face	39880
Opalletes flores, rouparia	10820
Panelas c/ florinhas, rouparia	16800
Panelas sarjadas tabela	11810
Lindas sedas p.º purures	32850
Pantafas lá tipo crepe	34850

Armazéns Populares da PRINCESA DAS MEIAS
Rua do Crucifixo, 75, 1.ª — Lisboa (Próximo a N.ª S.ª da Vitória)
Toalhas alinhadas, 8850 ... 7880
Lenços crepe c/ N. S. de Fátima ... 4840
Véus pretos arrendados ... 17850
Véus pretos bordados ... 21850
Colchas seda adamascadas c/ franja ... 137850
Colchas seda s/ franja, tipo superior ... 159850
Meias seda finas de 1ª ... 12850
Seda fina costura escura ... 13850
Linho e seda, duráveis ... 24850
Tipo linho finas ... 11850
Província e Ilhas, AMOSTRAS GRATIS e tudo a contra reembolso!!!

ESCOLA ACADEMICA DO PORTO

(Quinta do Pinheiro, 4 — PORTO)

Recebe alunos internos, semi-externos e externos para os Cursos do Comércio, do Liceu e da Admissão ao Instituto. Educação Católica. Pedidos à Direcção

Na Fátima ou Chão de Maçãs perdeu-se um Terço. Gratifica-se a sua entrega neste jornal.

Dr. António V. da Silva Coelho, Serenache do Bonjardim, 50800; Mateus dos Santos Machado, Coimbra, 208;

Visitem a Casa

TECIDOS VITÓRIA

Rua de Cedofeita, 157

PORTO

e admirem os enormes sortidos de:

TECIDOS DE ALGODÃO

SEDAS ESTAMPADAS

LAS PARA VESTIDOS

MIUDEZAS-NOVIDADES

TUDO TABELADO

Enviamos amostras para todo

o PAIS e Ilhas



APENAS UMA GOTA!

...e o tormento das doenças da pele que o torturam cessará imediatamente. Todo o paciente sofre horrivelmente com o calor se não aplicar um líquido fino, que não suja, nem mancha e lhe dará alívio instantâneo.



Remédio Inglês

D. D. D.

o remédio certo e inigualável para todas as Moléstias da Pele. É vendida nas Farmácias e Drograrias

Voz da Fátima

DESPESAS

Transporte	3.358.953830
Papel, imp. do n.º 287	4.917827
Franq. Emb. Transporte do n.º 237	22.380835
Na Administração	319800
Total	3.386.569892

Esmolas desde 20800

D. Joaquina da Conceição Duarte, Obidos, 20800; D. M. Elvira Anemundo, Cantanhede, 30800; D. Elisa Machado, Viseu, 20800; D. M. Hilário Marques Gomes, Funchal, 25800; D. M. de Jesus Mendes, Beira, 100800; D. Teresa Vieira da Cruz, V. do Castelo, 30800; João Baptista Vieira Salsa, Velas, 20800; D. Carolina M. Mimoso, Porto, 30800; D. Helena A. da Silva, França, 195800; D. Valentina da Silva Bié, 100800; P.º L. Manuel Vieira, Baía, 110800; Celestino da Mota Mesquita, Porto, 100800; D. Maria Adelaide Maria Lopes, Santo Tirso, 100800; D. Delfina de Jesus Gomes, Pampilhosa da Serra, 40800; D. Mariana Almeida Lopes, Lisboa, 30800; D. M. de Jesus Soares Monteiro, Foz de A. 20800; Graciano Palha, Cortegaça, 20800; D. M. da Nazaré Palha, Góis, 30800; D. M. Castro e D. Francisca de Couto, Ribeirinha e Califórnia, 50800; D. Maria Emilia Barbosa, Estarreja, 20800; D. Conceição Marques Rodrigues, Estarreja, 20800; D. Carolina Belforte, Lisboa, 20800; D. Maria Alves dos Santos, Gondomar, 50800; Almir José Pinto, Vale de Cambra, 200800; Antó-

GRAÇAS de Nossa Senhora da Fátima

AVISO IMPORTANTE

Dora-avante todos os relatos de graças obtidas devem vir autenticados pelo Rev. Pároco da freguesia e acompanhados de atestados médicos quando tratem de curas.

De contrário não serão publicados.

NO CONTINENTE

O relato é do *Comércio do Porto*: «O caso passou-se com a sr.ª D. Maria da Conceição Silva Cruz, de 78 anos, residente, com seu filho, o sr. Augusto Cruz, na rua de Entre-Quintas, n.º 115-A.

Há, precisamente, dois anos e um mês, a referida senhora sofrera uma queda, na sua residência. Chamado, então, um distinto clínico desta cidade, sujeitou-se a doloroso e longo tratamento. A perna, quebrada no colo do fémur, acabou por soldar. No entanto, uma outra queda impossibilitou-a de andar. Com nova fratura pouco mais ou menos no mesmo local, a perna principiou a encolher, ficando o fémur saliente e de tal maneira, que a pobre doente quase apoiava o cotovelo no osso. O mesmo médico, chamado de novo, diagnosticou intratável tal caso.

A pobre senhora, porém, crente em Nossa Senhora da Fátima, não perdeu a esperança da cura. E, se a doença e a idade, não permitiram que fosse à Cova da Iria pedir a N.ª Senhora a graça da cura, pediu que lhe ligassem o rádio, para ouvir a retransmissão do que se passava ali. Acompanhou, portanto, na cama, espiritualmente, recolhida na mais viva fé, todas as cerimónias religiosas. A seu lado com igual sentimento religioso, uma sua neta, a menina Maria Leonor. A certa altura, esta notou, no entanto, que a avó se movia muito e chorava. Era uma hora da tarde, na altura em que na Fátima se dava a bênção aos doentes. A sr.ª D. Maria da Conceição, movendo-se, sentia que a sua perna, há tanto tempo encolhida, descia sem custo, sem dor, suavemente. Uma intensa alegria invadiu-a por completo, e gritou, então:

— Nossa Senhora da Fátima, fazel com que eu ande!

Pediu à neta, que também chorava, que lhe tirasse a roupa de cima. E, perante o espanto de Maria Leonor e pessoas de família que acorrem, a pobre senhora, louca de alegria, começou a andar pelo quarto, dando graças à Virgem pelo milagre.

Entretanto, alguém correu ao telefone a chamar o filho, dando-lhe erradamente, a notícia alarmante que sua mãe morrera. Aflição, o sr. Cruz correu a casa, onde o esperava a alegria de ver a sr.ª D. Maria da Conceição percorrendo a casa, cheia de alegria.

Estivemos lá também, já tarde. A sr.ª D. Maria da Conceição estava no seu quarto a cabeceira da cama, um quadro com Nossa Senhora da Fátima e um Crucifixo. Cheia de júbilo, contou-nos tudo o que se havia passado. Recebera a visita de sua mãe — a sr.ª D. Emilia Ferreira da Silva — uma santa velhinha, de 99 anos, que, há anos não a via. Sabedora do caso, fora lá.

Outro tanto fizera o seu médico assistente, que não sabe explicar o caso. Disse, apenas tratar-se de uma cura extraordinária.

D. Teresa Vieira da Cruz, de Anha, Viana do Castelo, diz que havia 14 anos que não sabia de um seu filho que tinha partido para o estrangeiro. No dia 13 de maio p. p. quando seguia pela rádio as cerimónias da Fátima, pediu a Nossa Senhora que fizesse com que ela recebesse notícias do filho, prometendo publicar tal graça e dar uma esmola. No dia 30 de maio recebeu

as suspiradas notícias, cheia de comovção. O seu filho escrevia-lhe uma carta de Paris onde se encontrava.

D. Herminia Soares, Azelão, escreve: «Tendo tido uma pessoa das minhas relações atacada de tuberculose intestinal, e estando por várias vezes com crises horríveis, numa delas julguei que não resistiria. Sofria dores intensíssimas que a não deixavam sossegar. Esgotados os recursos da medicina, recorri a Nossa Senhora da Fátima, fazendo uma novena, dando à doente um pouco de água da Fátima. Num dos dias da novena sucedeu que depois de tomar a água, ela que até aí pouco dormia, descansou alguma coisa. Ao acordar sentiu-se tão bem que teve grande alegria ao ver o termómetro acusar 37º e 1/2 pois havia imenso tempo que a temperatura era de 40º.

As melhoras, desde então, foram-se acentuando e são já decorridos dois anos sem que tornasse a ter crises. Agradecendo esta graça publicamente, como prometi, quero agradecer também a cura de uma grave enfermidade na qual me valeu Nossa Senhora».

D. M.ª Gabriela de Azevedo Athayde Sousa Meneses, Ponte da Barca, diz que encontrando-se gravemente enferma, estando mesmo entre a vida e a morte, tendo os médicos perdido as esperanças depois de esgotarem os recursos da medicina, recorreu a Nossa Senhora da Fátima a quem cheia de reconhecimento agradeceu a cura que de Deus lhe alcançou.

D. Glória Moreira Gomes, Arcozelo, diz que tinha tuberculoso o seu irmão Manuel Henriques Moreira de 28 anos, solteiro, residente na freguesia de Arcozelo, Vila Nova de Gaia. A doença foi confirmada por uma radiografia. Recorrem a Nossa Senhora da Fátima, cheios de fé, pedindo a cura do enfermo e prometendo publicar a graça caso fossem atendidas as suas orações. Efectivamente o doente foi curado completamente, o que atribuem a uma extraordinária graça alcançada por mediação de Nossa Senhora da Fátima.

José Joaquim Coelho de Miranda, Lisboa, escreve: «Peço a V. Ex.ª o favor de inserir no simpático jornal «Voz da Fátima» o meu agradecimento a Nossa Senhora do Rosário da Fátima pelas graças que me concedeu há tempos (1935), as quais prometi publicar e só por descuido o faço agora, do que peço perdão a Nossa Senhora».

Um dia tive uma dor na coxa direita. A dor continuou, e, horas depois, estava no mesmo estado a coxa esquerda. Apliquei, então, um remédio conhecido como muito bom para estes casos, mas sem resultado algum. As dores aumentavam e não podia estar de maneira nenhuma. Era preciso ajudarem-me a meter na cama, a despir e vestir. Ao terceiro dia, as dores eram mais violentas ainda. Estava, como é natural, muito apouquetado. Finha água da Fátima em casa, mas não me ocorreu servir-me dela. Pessoa querida de família lembrou-me a água, e, ao deitar-me fizeram-me a aplicação da referida água, com grande sacrifício da minha parte pois contorcia-me com dores ao mais leve movimento. Rezamos a seguir, três Ave-Marias e fiquei a sossegar uns rápidos segundos. Quando fui para me voltar e ajeitar para dormir, verifiquei não ter dor alguma. Estava como se não tivesse crise nenhuma! Não contente fiquei que não da cama e pus-me aos saltos! Não posso descrever a minha satisfação!

Nossa Senhora me perdõe este descuido em publicamente lhe testemunhar o meu agradecimento. Tenho grande devoção a Nossa Senhora e sempre senti em toda a minha vida a sua protecção. Honra e Glória à Mãe do Céus.

Agradecem outras graças

- João Baptista da Silveira Salsa, S. Jorge.
- D. Maria H. Marques Gomes, Funchal.
- D. Carminda Mendes André, Cadima.
- D. Isaura Marques, S. Pedro de Oliveira.
- D. Maria da Piedade Morgado Pereira, Entroncamento.
- Francisco Roseta Cunha, Portalegre.
- D. Lucinda Martins Ravasco.
- D. Maria Leonor da Silva Dias, Pico.
- D. Lucinda Silveira de Anarade, Madalena.
- D. Maria da Conceição Cardoso, Tabuaço.
- D. E. Calisto Ramalho, Amareleja.
- D. Maria da A. Cardoso de Magalhães, Porto.
- D. Maria Luísa da Silva, Bunheiro.
- D. Diana de Viterbo, Lisboa.
- D. Celeste dos Santos Silveira, Portal.
- D. Júlia Graça Simões, Vila Viçosa.
- D. Sara de Jesus Correia, Castanheira de Pera.
- D. Luísa Gonçalves, Godim.
- D. Doroteia da Luz Belo, Calheta, S. Jorge.
- D. Maria A Barreto, Funchal.
- José Ferreira Queiroz, Espinho.
- D. Maria de Nazaré Pires dos Reis, Setúbal.
- D. Elvira Abrantes, Mangualde.
- D. Argentina Pereira Delgado, Padrão.
- D. Maria de Azevedo, Gullhofrei.
- D. Amália do Vale Mascarenhas, Santo Tirso.
- D. Joaquina Rosa, S. Cristóvão, Guimarães.
- D. Catarina Roque Soares, Castelo de Vide.
- Aníbal Paz, Ibdem.
- D. Jacinta da Ascensão Trindade, Ibdem.
- D. Maria Joana Alvarado, Ibdem.
- D. Fernanda de Viterbo Correia, Lisboa.
- D. Maria Isabel dos S. Lourenço, Castelo Branco.
- D. Maria das Mercês Bettencourt, Graciosa.
- J. Ferreira da Silva, S. João da Madeira.
- Angelo Augusto Marques, Coimbra.
- D. Maria da Natividade Cunha, Lisboa.
- D. Maria Celeste, Pascoal.
- D. Margarida J. Pereira Baptista, Évora.
- D. Diamantina R. de Oliveira, S. Miguel.
- Américo da Costa Ramalho, Coimbra.
- D. Maria Nazaré Simões, Beira.
- D. Carolina da Piedade de Araújo e Silva, Prado, Braga.

MINHAS SENHORAS!!...

proveitem os saldos de meias que Império das Meias Av. Almirante Reis 173 B — Lisboa está apresentando!...

Meias algodão saldo	2850
• seda gase	9850 e 5000
• linho fino	12850 e 9850
• escócia forte	10850 e 7850
• seda tipo natural	19850
Soquetes escócia fina	11850 e 7850
• algodão saldo	5850
Meias seda finíssima	14850
Combinações malha seda	68800
Lavas crochet varias cores	20800

e muitos outros artigos em saldo!... Artigos tabelados, panos, toalhas, tecidos leves, pano turco etc., peça V. Ex.ª amostras do que precisar que enviamos sem demora para todo o Continente e Ilhas.

Visado pela censura

Ardina

— «Novidades»!... «Comércio do Porto»!... Os «Sports»!...
 — Espera lá, rapaz! Deixa entrar primeiro os passageiros!
 — Isso era bom se eles alguma vez acabassem de entrar...

Na verdade o assalto às 3.ª classes parecia interminável e o chefe da estação não teve remédio senão fazer entrar tudo, de roldão, nas 2.ª e 1.ª, cujos corredores ficaram entulhados num pronto. É claro que o pequeno vendedor de jornais, também não ficou em terra.

Optou tranquilamente por uma das últimas e não se pôs com cerimónias: acotovelando à direita e à esquerda, galgou sacas, cabazes e fardos e foi sentar-se ao lado duma senhora muito bem posta, luxuosa mesmo, de atitude indignada contra aquela invasão.

Finalmente o comboio pôs-se em andamento. O Jacinto levantou-se e começou a venda dos jornais justamente pela dama ao seu lado, que, para pagamento, puxou duma nota de vinte escudos a qual o rapazito fez o competente troco.

De carragem em carragem, de vagão em vagão, lá foi lançando o pregão dos jornais com a sua voz esganada de treze anos enlêzados, doentios.

Momentos passados levou a mão ao bernal lembrando-se da nota de vinte escudos, que ali ficara à solta e poderia ter-se escapado, e qual não foi o seu espanto sentindo que em vez de uma eram duas, novinhas em folha, que talvez nunca tivessem sido apartadas.

Tirou-as, mirou-as e remirou-as. O primeiro impulso fora de alegria pela inesperada fortuna; o segundo, de correr a entregar o que lhe não pertencia; agora era uma voz interior que lhe segredava:

— Não sejas parvo!... Não sejas atroz!... Não viste o que me que a dita, vai?... Que falta lhe fazem vinte escudos?... Anda... Tens o teu pai e a tua irmã com fome. Como esse dinheiro compras-lhes um bom jantar e ainda te fica bastante para amanhã...

— Não faças isso — dizia-lhe por sua vez o seu Anjo da Guarda. Não há riqueza que iguale a da boa consciência e Deus é Pai! O que é preciso é confiar nele e saber-lhe pedir...

Mas como havia o Jacinto de entender o seu Anjo da Guarda se nem sequer se lembrava de que ele existia?... Havia já tanto tempo que a mãe morrera e só ela é que lhe tinha falado nessas coisas...

Com a fronte colada ao vidro duma janela, olhos perdidos na paisagem que fugia vertiginosamente, o Jacinto esquecia-se da venda — ele tão vivo, tão ladino — tornava-se apático, estúpido...

De súbito o comboio pára; alguém abre a portinhola, ele olha para fora e vê exactamente na sua frente a tal senhora, que acabava de se apurar. Tanto melhor... a paragem era curta... não tinha tempo de correr atrás dela... e não sabia quem era nem onde morava...

Mas ei-la ainda ali investigando em redor como se esperasse alguém... E eis que um motorista ou criado fardado se aproxima e lhe diz:

— E Vossa Excelência que vem para a quinta de S. Braz, não é assim?

A resposta perde-se no matracar e ranger de ferragens do comboio que parte, mas aquelas palavras ressoam ao ouvido do Jacinto como repetidas incessantemente por potente alto-falante; o nome da estação, como em letras de fogo, não lhe sai de diante dos olhos:

— Quinta de S. Braz — Eormose-lha...

No dia seguinte, naquela mesma estação, o Jacinto desce, indiferente ao maço de jornais que ainda lhe

pende do ombro e o sol que dardejarda ardente. A nota de vinte escudos, novinha, vai no seu bernal entre as ainda escassas moedas da venda do dia.

Na véspera, ao aproximar-se do pobre tugúrio onde morava e quando se dispunha a entrar na taberna ao pé, decidido a recalcar os escrupulos e a comprar uma ceia reconfortante graças àquela nota, vira com espanto a irmã que saía dessa taberna com uma garrafa cheia de vinho.

— Que é isso, Rosinha, quem te deu dinheiro?

— Foi um senhor que esteve há pouco cá em casa... parece que se chama avicentinon... que eu nunca ouvi um nome assim... e deixou-nos muita comida... pão... carne... queijo... e apúcar... Como viu o pai assim fraco e com muito frio, deu-me dinheiro para lhe comprar vinho...

E durante a noite, entre sonhos agitados, o Jacinto fazia o propósito, bem firme, de entregar a nota — pelo menos de procurar fazê-lo — e de, como até então, se conservar honrado, como o pai e a mãe sempre tinham sido.

Ao sair da estação do lado oposto ao da linha férrea, o rapazito estacou espantado; um belo automóvel estacionava ali e o motorista era o mesmo que tinha ido esperar a tal senhora, no dia anterior.

O Jacinto não hesitou:
— A Quinta de S. Braz é longe?
— E. Porquê? Lá não precisas dos teus jornais.

O homem falava com certa arrogância e o pequeno retorquiu mais humilde:

— Não era por causa dos jornais... Se pudesse fazer o favor de me levar... Tenho de vir apanhar o comboio ascendente... tenho a venda ainda tão atrasada...

— E que culpa tenho eu disso? Não querias mais nada sendo um passeio de automóvel... Olha... um taxi... ali o tens — e continuou escarinhando.

O Jacinto ia talvez a responder mal como qualquer outro não deixaria de fazer mas já o dono do carro estava junto dele e lhe perguntava bondosamente:

— Que querias tu, rapaz?
— Imagine Vossa Excelência — agudiu o motorista — nada menos que ir no automóvel de passeio até à Quinta!

— De passeio? E então os teus jornais?

— Não era por passeio, meu senhor. E que precisava muito de falar com uma senhora que este carro veio ontem aqui buscar à estação...

— E uma amiga de minha mulher que está lá a passar uns dias. E que lhe queres tu?

— Ah!... É Ainda bem, que então já não preciso de lá ir. Ela ontem comprou-me um jornal no comboio e em vez de me dar vinte apaus, deu-me duas notas... Eram novas, vinham pegadas... só depois é que reparei... Aqui está... faz favor então de lhe levar.

— Não... Tu é que há-de vir trazer-lha... Deixa lá os jornais que ficam todos por minha conta!

... ..

A surpresa de encontrar um rapazinho tão digno de estima e de auxílio, pela sua honradez e pela sua franqueza pois que não quis ser julgado melhor do que era e confessou a tentação que tivera de guardar o dinheiro, seguiu-se outra: era o filho do tuberculoso que o proprietário da Quinta de S. Brás tinha visitado na véspera, como membro da Conferência de S. Vicente e Paulo, e o irmão da pequena Rosinha que igualmente ele tomou sob a sua desvelada protecção.
M. de F.

SALVE, RAINHA IMORTAL! Cântico popular a Nossa Senhora.

Música do P. Manuel Faria, Maestro em Composição, e Licenciado em Canto Gregoriano pelo Pontifício Instituto de Música Sacra de Roma. A venda no Santuário da Fátima e na «Gráfica» de Leiria. Preço 250.

Conversando

Cooperativas

O Santo Padre Pio XII, em carta recente à *Semana Social Católica*, de Estrasburgo (França), faz esta salutaríssima prevenção:

— Julgamos que a instituição de Cooperativas em todos os ramos da Economia nacional será muito mais vantajosa para a personalidade humana que a nacionalização das empresas particulares.

Quase ao mesmo tempo, o Episcopado do Brasil publica uma Pastoral colectiva pela qual convida os seus diocesanos a entrarem com urgência na realização de um vasto plano de acção social, indicando, entre os assuntos mais de cuidar, «a difusão do cooperativismo».

Terão, porém, as cooperativas e o cooperativismo, como se está vendo, um interesse de fé e de vida moral que justifique a intervenção directa do Supremo Hierarca da Igreja e dos seus venerandos Colaboradores na resolução dos respectivos problemas? Ou antes, para melhor dizer: envolverá porventura também a técnica económica, que é da essência dos processos cooperativos, uma questão de doutrina religiosa?

Absolutamente afirmativa a resposta. A técnica económica desenvolve-se, é certo, por uma especialização das leis da física e da matéria que não são as do espírito; mas, desenvolvendo-se, pode criar e criar por vezes, relações sociais incompatíveis com a ordem moral do mundo e com as condições de dignidade da pessoa humana. Incontestavelmente, pois, a Igreja tem de ter, quanto às cooperativas, também a sua intervenção; e tem-na, com efeito, por imperativo da sua divina missão.

Quando o Estado em vários países pretende ser *totalitário*, arrastando os povos como massas quase inertes e amortecendo o poder individual do génio humano, a Igreja justamente previne os seus fiéis desse tremendo motivo de desordem social e justamente também condena o doutrinarismo que aspira a sustentá-lo. Com a mesma lógica pode apontar, e tem sempre apontado, os regimes que, apesar de fundamentalmente económicos ou políticos, se apresentem, em comparação de outros, em condições de preferência para a ordem espiritual.

É o que sucede no caso do

movimento cooperativo, contrapondo-o aos diversos sistemas de *totalitarismo*, que alguns Estados procuram implantar ou manter.

Na sua forma clássica as cooperativas são organizações em que os associados têm por fim directo realizar ganhos pelo trabalho próprio, independentemente do recurso a intermediários do comércio, da indústria ou da agricultura.

Assim, operários adestrados nos seus ofícios juntamente com outros da mesma condição e, em vez de recorrerem a qualquer empresa para que lhes aceite os serviços, fazem eles próprios uma empresa exclusiva da sua direcção e trabalho: esta empresa constituirá o que se chama uma *cooperativa de produção*. Podem também, em vez de comprarem os produtos do seu consumo nas mercearias ou nos mercados, combinarem-se para os obter directamente dos produtores, ficando-lhes deste modo mais baratos e de melhor qualidade: esta organização dará lugar ao que se chama *cooperativa de comércio ou de consumo*. Podem ainda, necessitando de adiantamentos de dinheiro para arranjos da vida corrente, associarem-se para que, qualquer que precise, em vez de ir pedir estes adiantamentos a bancos ou casas de penhores, com juros de ruína, os levante a juro módico, de uma caixa comum em que todos lancem periodicamente uma pequena cota: aparecerá, por esta forma o que se chama uma *cooperativa de crédito*.

Estes exemplos dão uma ideia, embora ligeira, do que seja, na sua maior simplicidade, o mecanismo cooperativo.

É o bastante para se ajuizar dos seus principais benefícios, entre outros, os de dar autonomia ao trabalho, aumentar o número dos proprietários, ajustar o consumo à produção, consolidar os lares, e sobretudo colocar diante do Estado forças sociais mais disciplinadas e de mais séria resistência em pró do comum.

A pessoa humana é, desta maneira, posta em toda a plenitude da sua dignidade!

Por tudo isto se vê como são oportunas as palavras, acima transcritas, de Sua Santidade o Papa Pio XII, na carta que dirigiu à *Semana Social Católica*, de Estrasburgo.

A. LINO NETTO

John Haffert TIRAGEM DA

VOZ DA FÁTIMA

NO MÊS DE AGOSTO

Algarve	7.002
Angra	16.744
Aveiro	6.296
Beja	4.950
Braga	43.998
Bragança	6.581
Coimbra	9.519
Evora	3.799
Funchal	9.699
Guarda	9.705
Lamego	7.118
Leiria	10.029
Lisboa	12.803
Portalegre	8.286
Pôrto	37.046
V. Real	15.247
Viseu	5.066
	213.888

Estrangeiro ... 3.634

Diversos ... 9.273

226.795

Atraídos pela Fátima vieram ultimamente estudar as maravilhas do Santuário dois dos maiores escritores americanos. O primeiro foi o sr. dr. William Walsh a quem nos referimos no número de Agosto da «Voz da Fátima», o segundo foi o sr. John Haffert, que se dirigiu primeiro a Roma, onde foi recebido pelo Santo Padre, e de lá veio a Portugal para assistir à peregrinação de Agosto.

Aqui esteve, tomando parte na peregrinação que o entusiasinou e documentando-se para o livro que tenciona publicar sobre o Santuário.

O sr. John Haffert é um grande admirador e devoto do Beato Nuno.

Publicou já um livro sobre o nosso Santo Condestabre, intitulado *The Peacemaker who went to war* — (O Pacificador que foi à guerra). Este livro que vai ser traduzido em português foi editado em Nova Iorque.

Peregrinação

de

AGOSTO, 13

(Continuação da 1.ª página)

cinco das escadarias. Levaram o andar os peregrinos belgas.

Seguiu-se um coro talado por todos os organismos da Acção Católica da Diocese, dirigido pelo Rev. Dr. Manuel Lopes Perdigão, Assistente Diocesano da J. C. e da L. A. C. Durante ele houve a oferta, não apenas simbólica, mas real, de azeite para a lâmpada, vinho e trigo para o Santo Sacrifício. É um espectáculo comovedor o transporte do trigo, desde longe, em saquinhos brancos, pelos rapazes da J. A. C. Fruto de muito suor, que volta, feito carne do Senhor, a dar força a muita gente.

Terminado o coro, deu-se início à Missa dos doentes, sendo celebrante o Rev. P.ª Jongen, Monfortino, de Loyaina, que presidia à peregrinação belga. No momento próprio falou novamente o Rev. P.ª Frei Diogo Crespo. No final da Missa, como de costume, houve exposição do Santíssimo e deu-se a bênção individual a cada um dos doentes e depois a todos os peregrinos.

Os doentes eram em número de 200. Verificaram-se algumas curas extraordinárias, entre elas uma que causou grande impressão. Trata-se de uma rapariga de 15 anos, Clarisse Rebelo Gamboa, natural de Cerejo, concelho de Pinhel, a qual, devido a uma hipertensão craniana, padecia horrivelmente, ficara cega e parálitica do braço direito e da perna esquerda. Após a bênção esta doente sentiu-se curada, facto que foi observado pelos médicos presentes, e acompanhou já o andar de Nossa Senhora no seu regresso à capelinha.

O Rev. Cónego Dr. Manuel Marques dos Santos, Vigário Geral da Diocese, renovou o acto de consagração ao Imaculado Coração de Maria.

Em seguida efectuou-se a procissão do Adeus, que nunca deixa de impressionar, por mais vezes que nela se tome parte ou a ela se assista. Era já bastante tarde e os peregrinos começaram imediatamente a debandar, não sem uma última oração e um último olhar saudosos à capelinha pequenina e humilde.

Entre os peregrinos encontravam-se os Srs. Dr. Acácio de Paiva, Governador Civil do Distrito de Leiria, e Dr. Manuel de Magalhães Pessoa, Presidente da Câmara Municipal da mesma cidade e Deputado da Nação. O primeiro foi quem levou a umbela durante a bênção aos doentinhos.

Despertaram a atenção, pelo seu número e pela sua piedade, os belgas da primeira peregrinação organizada do seu país ao Santuário da Cova da Iria. Entre eles vinha o Prof. Jacques, da Universidade Católica de Lovaina. Saíram encantados com tudo o que lhes foi dado ver e ouvir.

Estavam também 3 seminaristas suíços, que fizeram a viagem de bicicleta; o escritor americano Sr. John Haffert, de que falamos noutra vez; sacerdotes luxemburgueses; um Senhor do Peru e outro da Argentina, que fizeram a viagem de avião, etc.

Crónica Financeira

Dizia-nos um dia um sacerdote-terra, o lavrador não pode pro-te amigo que em Portugal não duzir um género só, tem de pro-podia haver nunca grandes cri-duzir diversos, conforme as épocas do ano, as possibilidades das partes da sua gente vive da horta.

Querida este nosso amigo dizer casa. E é desta variedade e multiplicidade de culturas que resultu-guês vive daquilo que directa-ta aquele equilíbrio económico em mente produz para si mesmo e que vivem os povos onde predomina a pequena propriedade assegurada o essencial, que lhe vem da terra que cultiva por suas próprias mãos.

Para esta situação de invejável equilíbrio económico contribuem dois factores principais que são a pequena propriedade e a policultura. Estes dois factores combinados produzem uma vida económica estável, embora sempre modesta, aquela aurea mediocritas, em que consiste a verdadeira felicidade neste mundo.

Realmente a divisão dos terrenos por muitas mãos contribui não só para o equilíbrio social, mas também para o económico, poque obriga o dono que a trabalha a produzir antes de mais aquilo que ele e a família hão de comer. Também terá de produzir para o mercado, pois não pode deixar de fazer dinheiro para pagar as contribuições, e para comprar muitas coisas que não pode colher da terra, nem fazer por suas próprias mãos.

Mas há mais. No geral, quando o ano corre mal para umas coisas, corre bem para as outras, de modo que a pequena propriedade com o seu regime de policultura, colhe sempre alguma coisa. A grande propriedade, onde no geral se cultiva um só género, se o ano lhe corre mal, nada colhe. E se o ano lhe corre muito bem e há excesso de produção, também os preços podem descer tanto que se tornem ruinosos. A grande cultura corre mais riscos e é por isso mais instável, tanto te, sem precisão de recorrer ao mercado e é do mercado que vêm todas as crises.

Infelizmente, porém, a pequena propriedade só é viável onde países de antiga civilização, anda sempre acompanhada da policultura, justamente porque o lavrador procura o mais possível houver água, a pequena cultura basta-se a si mesmo. Para tirar é a fome da terra o seu sustento e o dos seus, e de mais a mais de pouca

PACHECO DE AMORIM

A conferência da paz

e a paz sem conferência

Agitam-se políticos e Delegados das várias nações para esgotar habilidades diplomáticas a mais ou menos bem intencionadas, melhor ou peor levadas a efeito.

Debatem-se êxitos e insucessos entre o entusiasmo apaixonado de uns e a descrença desinteressada de outros.

Conferência da paz... que antes parece conferência de guerra.

O mundo continua doente e a humanidade teimosa quer contar apenas com as forças materiais de que dispõe.

Força, orgulho, poder... Glória de dominar... e a luta continua, e a guerra ainda não acabou. Conferência da paz... inteiramente malograda. Exigências disparatadas que já não espantam ninguém.

Por que só o mal impera, só o egoísmo prevalece no mundo que se suicida...

As nações pequenas não são admitidas. As que não entraram

na guerra não são consultadas. E todavia... Como o mundo teria que aprender se detivesse a atenção no exemplo de Portugal.

Porque em Portugal não há conferência da Paz. Há a Paz que dispensa conferências.

Em Portugal há... Nossa Senhora da Fátima, Nossa Senhora da Paz, há a Fé que ilumina tudo porque tudo, absolutamente tudo vive pela Fé.

«Portugal não é um país pequeno», disse um dia Afonso Lopes Vieira. Portugal é quase um cantinho do céu, diremos nós, porque a si mesmo se proclamou um dia Terra de Santa Maria.

«A Paz seja convosco...» é a exclamação que dirige aos outros países inquietos e ensanguentados, destruídos e desolados!

E continua em Paz entre flores brancas, asas de pombas brancas, e almas brancas...

Em adoração à Senhora branca!

Ano áureo da Coroação de Nossa Senhora de Fátima

13 de Maio de 1946 a 13 de Maio de 1947

Peçam a este Santuário as medalhas comemorativas da Coroação de Nossa Senhora assinadas pelo escultor João da Silva